

VELHOS E FELIZES?

Reflexões sobre a construção da velhice na contemporaneidade

OLD AND HAPPY?

Reflections on the construction of old age in contemporaneity

GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, Envelhecimento e Felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 387p.

Márcia Andréa Rodrigues Andrade
Universidade Federal da Paraíba

Corpo, Envelhecimento e Felicidade é uma coletânea organizada pela antropóloga Mirian Goldenberg, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), conhecida pelos seus estudos sobre gênero e desvio, conjugalidade, sexualidade, infidelidade, corpo e envelhecimento. Este é o segundo livro a autora dedica à temática do envelhecimento, sendo o anterior voltado apenas à velhice feminina, *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*.

Em seu percurso acadêmico (trabalhos e pesquisas), a organizadora revela um interesse em manter o diálogo tanto com a população acadêmica quanto com a não acadêmica, e argumenta: “No Brasil, há espaço para esse diálogo, como também uma necessidade urgente de tal aproximação” (Goldenberg, 2011, p.7). Essa ênfase torna Mirian Goldenberg uma das antropólogas atuais mais conhecidas extramuros, permitindo assim a divulgação de importantes debates entre o público não acadêmico. Nesta ocasião, o debate diz respeito aos modelos de velhice que os idosos estão construindo na contemporaneidade.

Corpo, Envelhecimento e Felicidade recolhe 16 artigos, de assuntos variados, resultado de pesquisas e reflexões sobre o corpo e o significado do envelhecimento sob diferentes ângulos. O livro reúne os textos produzidos para o Seminário Internacional do mesmo nome, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, em 20 e 21 de setembro de 2010. No evento, ganharam visibilidade diversas questões relativas ao envelhecimento nos dias atuais, incluindo a questão do corpo como capital, a pluralidade de valores relacionados à velhice, o culto à juventude, a sexualidade, o consumo e a libertação feminina. A maioria dos trabalhos situa-se no contexto carioca, que, por sinal, é uma das capitais brasileiras com maior índice de idosos. A organização do livro a partir de um

seminário deixa sua marca no tom geral da obra, pois os inúmeros textos parecem dialogar entre si, dando certa unidade ao conjunto, apesar da origem variada dos autores e de seus trabalhos. Nesta resenha, destaco apenas alguns capítulos da obra.

O primeiro capítulo é de autoria de Vicent Caradec, professor de Sociologia da Universidade de Lille (França). Em “Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo”, o autor revela que o corpo constitui um elemento essencial do apego com o mundo. Seu trabalho percorre as maneiras pelas quais as pessoas idosas observam os sinais do envelhecimento, a partir de duas perspectivas: uma de ordem prática, e outra de dimensão simbólica. Em relação a esta última, Caradec observa como os sinais de transformação corporal se inscrevem no registro do corpo orgânico, da aparência e da energia. O autor conclui seu texto afirmando que a sociologia não deve negligenciar o corpo, e que o sentimento de envelhecer não decorre apenas do olhar do outro, mas se faz, sobretudo, por meio da percepção e interpretação dos sinais pelos próprios sujeitos que envelhecem. Logo, tudo leva a crer que envelhecer não é tanto “continuar jovens”, mas “não se tornar velhas”.

O segundo capítulo, “A velhice na pesquisa antropológica brasileira”, foi produzido por Myriam Moraes Lins de Barros, antropóloga que atua na Escola de Serviço Social da UFRJ, com ampla experiência nos estudos sobre velhice no Brasil. O texto traça um estado da arte dos estudos sobre envelhecimento na área da antropologia, apontando tendências e lacunas. A autora informa que o corpo é um tema presente nesses trabalhos, recentemente introduzido a partir das temáticas da sexualidade e dos cuidados com a chamada “vida saudável”. Em consonância com o capítulo anterior, Lins de Barros toca em um ponto muito discutido nos trabalhos sobre velhice: a adequação do idoso ao modelo de envelhecimento ativo, o que evidencia a vigilância social exercida sobre esses sujeitos.

Os trabalhos discutidos pela autora trazem implícita ou explicitamente uma denúncia dos ideais da terceira idade, tanto pelo seu caráter disciplinador como pela reprivatização da velhice que eles comportam. Contudo, eles também observam as dinâmicas advindas desses modelos: “Os espaços de sociabilidade para a terceira idade e a descoberta da velhice como uma questão social cumprem a função de definir identidades na velhice e de socializar indivíduos para uma velhice ativa que privilegia os espaços de encontros” (Lins de Barros, 2011, p. 57). Lins de Barros observa que ainda há uma forte tendência para pesquisas que discutem a prevenção de doenças e dependências, o campo da demografia, sexualidade, violência contra idosos e por fim, a tensão entre atividade e inatividade do corpo. Finalmente, a autora aponta que, qualquer que seja a pesquisa, é importante entender que “envelhecer é um processo relacional que se dá em temporalidades distintas como a memória e os projetos construídos no tempo presente” (Lins de Barros, 2011, p. 54).

No capítulo seguinte, Guita Grin Debert, professora do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), nome inescapável nos

estudos brasileiros sobre velhice na contemporaneidade, faz uma análise do envelhecimento a partir da indústria da beleza, trazendo reflexões que dialogam com os textos de Caradec e Lins de Barros. O argumento central do capítulo questiona até que ponto as pesquisas sociológicas não estariam fazendo coro com os manuais de autoajuda, empenhados em disseminar a receita pautada no trabalho, na luta árdua, na autoestima elevada e no uso das tecnologias, em que a indústria da beleza aparece a serviço de qualquer indivíduo em busca de uma aparência desejada. Debort apresenta quatro modelos de reflexão que articulam gênero e indústria da beleza, a saber: *o corpo como prisão; a resistência dos determinismos biológicos; a neutralidade unissex; e, por fim, sempre fomos cyborgs*. Elementos, sem dúvida, “bons para pensar” o alcance de nossas análises e os rumos de nossas sociedades cada vez mais “envelhcentes”.

Em “A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas”, Paula Sibilia, professora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF), enfatiza três mediadores utilizados na produção de verdades sobre o envelhecimento: os discursos midiáticos, os tecnocientíficos e os mercadológicos. A “verdade” produzida por esses três discursos dita que a velhice não resulta apenas do quanto se viveu (a idade do indivíduo), mas, sim, da qualidade e benefícios na vida que têm sido oferecidos hoje pela tecnociência e pelo mercado. O ponto principal do capítulo é a crítica ao culto da juventude em nossa sociedade. Segundo a autora, na velhice, tudo perde valor, e nosso corpo passa a ser visto através de rugas, manchas, varizes, adiposidades. Nesse cruel processo, “ocorre uma gradativa descapitalização de nossas púberes virtudes” (Sibilia, 2011, p. 91). Sibilia conclui afirmando que “se hoje proliferam as técnicas dedicadas a evitar essa catástrofe, é porque essa evidência está se tornando cada vez mais verdadeira, mais pesada e absolutamente indiscutível” (Sibilia, 2011, p. 93). Com isso, o indivíduo deve, tão cedo quanto possível, praticar atividades consideradas saudáveis como parte importantíssima do “cuidado de si”.

Seguindo na trilha do mercado para a “melhor idade”, Letícia Moreira Casotti e Roberta Dias Campos, ambas professoras do Instituto Coppead de Administração da UFRJ, apresentam o resultado de uma pesquisa sobre consumo realizada com mulheres entre 17 e 60 anos, moradoras da zona sul do Rio de Janeiro. As autoras informam que assumir-se velho é uma das mais intrincadas questões para analisar o comportamento do consumidor maduro. Marcações de idade, assim como marcações de gênero, têm passado por constantes modificações, representando novos desafios para os estudos de consumo. E asseguram que é equivocado pensar que idosos não têm interesse por consumo e por serviços, ou que abandonam essa preferência nesta fase da vida.

Segundo as autoras, na conjuntura contemporânea, o consumo para os idosos ganha um novo foco, que é a proximidade da juventude: lazer (viagens), roupas da moda, estética (plástica, botox), cursos, aspectos aos quais eu acrescentaria o consumo de medicamentos, como reposição hormonal e Viagra, entre outros. A entrada dos idosos nesse mercado de

consumo não está ligada a questões estéticas, mas ao “fantasma” do envelhecimento. Ou seja, a partir do momento que os sinais do tempo vão chegando, a preocupação com a imagem começa a ficar evidente. No entanto, há aqueles idosos que assumem uma aparência que reflete os sinais da idade, alegando uma satisfação em manter sua autenticidade, num mundo onde tudo tende a ser falso e de plástico.

A pergunta é: podemos estabelecer algum padrão de consumo para os idosos? Ou melhor, como se dá o consumo dos idosos de diferentes classes? O respaldo da pesquisa condiz com o preceito ilusório da chamada terceira idade, tão enfatizado na obra. Mas, sem se dar conta, as autoras retratam um consumo de uma parte da camada idosa, possivelmente da elite, e esquecem que por trás dela existe uma parcela significativa de idosos que mantém outros padrões de consumo que não exclusivamente os de beleza.

O sexto artigo, intitulado “Mulher-Madonna e as outras mulheres: um estudo antropológico sobre juventude aos 50 anos”, de Cláudia da Silva Pereira, antropóloga, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e Germano Penalva, dá conta das análises sobre juventude a partir do imaginário social de mulheres com mais de 50 anos de idade. O intuito é descobrir o significado do modelo da mulher madura, enxuta, conservada, assim como os valores e crenças a ele atrelados. Para exemplificar a onda *ageless*, os autores tomam como exemplo a figura da cantora Madonna, assim como outras personagens públicas do cenário brasileiro, como Regina Duarte, Fernanda Montenegro e Suzana Vieira. Partindo da análise desses personagens, os autores mostram mais uma forma pela qual

o mundo adulto se ‘juveniliza’, seja imitando ou tentando se aproximar de uma linguagem que o jovem expressa na adoção de seus hábitos, práticas ou modelos estéticos – entre eles o corpo ideal – que habitam o imaginário social, seja atribuindo aos indivíduos uma aparência jovial ou rejuvenescida, categorias distintas que, muitas vezes são tomadas como sinônimo de espírito jovem. (Pereira; Penalva, 2011, p. 137).

Sob a instigante categoria de “mulher jovem de 50 anos”, os autores identificaram mulheres com três atitudes distintas: as que mantêm seu estilo de vida e “assumem” seus 50 anos com orgulho; aquelas que se preocupam com a aparência física, mas que não se limitam a isso, preferindo investir seus esforços na rede de relacionamentos; e, por fim, as mulheres mais próximas do modelo mulher-Madonna, que enfatizam claramente a dedicação às formas corporais, ou seja, se empenham em manter uma aparência física bem cuidada. Como vemos, neste capítulo, o corpo volta a ganhar destaque, revelando-se como uma construção diária, que vai ganhando em importância e centralidade com o passar do tempo.

O capítulo seguinte é “Gerações em perspectiva: os sentidos da sexualidade

feminina na velhice e na vida adulta”, elaborado por Andrea Moraes Alves, professora do Departamento de Política Social e Serviço Social Aplicado da UFRJ, que já havia nos surpreendido gratamente com sua etnografia dos bailes da terceira idade, intitulada *A dama e o cavalheiro* (2004). Neste ensaio, a autora faz uma pesquisa com mulheres homossexuais e heterossexuais de classe média, no Rio de Janeiro, nascidas entre os anos de 1937 e 1945, na intenção de saber os significados construídos nas suas trajetórias afetiva e sexual. Seu objetivo é mostrar as noções de geração e de ciclo de vida e como esses elementos podem ajudar a compreender a produção de sentido sobre a afetividade e sexualidade femininas, no que diz respeito às questões sobre primeira relação sexual, casamento, traição, sexo ocasional e projetos afetivo-sexuais.

A principal contribuição do trabalho está na

apresentação da ideia de que a perspectiva geracional é fundamental para a compreensão do gênero com relação social que se constitui contextualmente”. Além disso, a autora mostra a partir das análises dos discursos das entrevistadas, que “nas interações sexuais cotidianas, é possível perceber certos projetos e ações individuais que fazem o gênero, fazendo com que a sexualidade torne-se polissêmica. (Alves, 2011, p. 175).

Alexandre Werneck, pesquisador do Núcleo de Estudos e da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (Necvu) da UFRJ, apresenta o trabalho “A velhice como desculpa”. Por meio da observação participante e de entrevistas feitas em supermercados no bairro de Copacabana e na Barra da Tijuca, mais uma vez na capital carioca, Werneck mostra como se processam as atitudes e o discurso utilizado por idosos para a produção de desculpas nesses espaços comerciais. Por meio da descrição de cenas etnográficas, somos apresentados às disputas por espaço que ocorrem cotidianamente nos supermercados, disputas nas quais os idosos jogam um importante papel. A intenção do autor é articular a condição etária com a condição de ator moral, o que permite caracterizar os idosos a partir de três atitudes: o velho expansivo ou “entrão”, o *velho espaçoso*, e o *velho aproveitador*.

Alexandre Werneck conclui sua pesquisa afirmando que devemos pensar o que a velhice traz de *habitus* etário. Sendo uma construção social e inerente ao ser humano, através do aporte teórico sociológico, o autor revela que a desculpa converte-se em uma gramática moral, uma espécie de acessório que se atrela à pessoa em sua inserção social. Trata-se, certamente, de uma abordagem instigante, que compreende os idosos a partir de sua agência, questionando a visão vitimizadora frequentemente implícita nos trabalhos sobre esse grupo etário.

A obra também traz os resultados de pesquisas com idosos do sexo masculino, como é o caso de “A evolução da saúde masculina: virilidade e fragilidade no marketing da disfunção erétil e da Andropausa”. Neste ensaio, o autor Rogério Azize, que é doutor em Antropologia pelo Museu Nacional (UFRJ), tem como proposta evidenciar como

o surgimento do Viagra deu visibilidade ao tema da disfunção erétil, e não menos que isso, proporcionou um marco para a medicalização do corpo masculino, assim como um discurso médico de ajustamento de condutas. Esse processo teve como consequências a fixação com a qualidade de vida, autoestima e bem-estar, que são questões e objetivos a serem atingidos por boa parte dos idosos.

De acordo com o autor, esse medicamento se solidifica enquanto *life-style- drugs*, drogas de uso tanto medicinal quanto recreativo, sendo incentivado pela indústria farmacêutica, que trabalha a partir da saúde ideal e não dos males que pode causar. Esse modelo acaba gerando, nas entrelinhas, um discurso da masculinidade e juventude; em outras palavras, “um homem mais velho, com o pique dos mais novos”. Nesse contexto, a andropausa, junto com a disfunção erétil, passa a ser alvo de campanhas publicitárias pela indústria farmacêutica, visando à abertura de um novo filão de mercado. A conclusão disso tudo não é o mero lucro, mas a luta pela medicalização do corpo masculino. Um corpo que não era (até então) alvo preferencial dessas biopolíticas.

Apesar de a pesquisa focar o lado mercadológico utilizado pela indústria farmacêutica, principalmente no que diz respeito aos medicamentos destinados para a disfunção erétil, o autor não menciona o outro lado da moeda, ou seja, os danos, tanto sob o ponto de vista da saúde do homem quanto do discurso empregado por aqueles que não fazem uso do Viagra por algum motivo, e que também envolve aspectos da masculinidade. Parece evidente que, com o passar dos anos, houve um avanço da medicalização dos corpos masculinos, muito alavancado pelas tecnologias a serviço dos idosos. É inegável, contudo, que também há aqui fortes resistências, sendo a mais expressiva delas o exame do toque retal, ainda objeto de uma mística relativa à masculinidade ameaçada.

As diferentes abordagens e perspectivas da obra assinalam caminhos para a compreensão dos valores e modelos de velhice que os idosos vêm enfrentando e construindo a partir de suas trajetórias. A proposta da coletânea se mostra relevante em razão das diversas abordagens de temáticas que perpetuam os atuais debates sobre envelhecimento. Nesse sentido, um dos principais temas do conjunto de trabalhos é o constante destaque da noção de juventude como valor, do culto ao corpo, e das estratégias para lidar com o envelhecimento, o que tem sido uma constante na produção brasileira sobre envelhecimento. Por outro lado, a obra poderia dar mais ênfase à questão da felicidade, que tem destaque no seu título. Apesar dos avanços na qualidade de vida dos idosos, se ainda temos diversos impasses é porque algo está, no mínimo, errado, e carece, portanto, de mais pesquisas. Como mostrou a pergunta aparentemente simples de Paula Sibilia: por que ainda é tão difícil ser velho(a) na contemporaneidade?

Não se pode deixar de mencionar que a obra releva algo novo e artigos originais. Temos uma pesquisa internacional que sugere uma investida ampla e comparativa com a realidade brasileira. Em todo o caso, a grande maioria das pesquisas realizou-se no Rio de Janeiro, com uma realidade distinta e que poderia dar margem para pesquisas em outros

locais, situações e grupos sociais. Acredito que a mensagem geral da coletânea parte do princípio de que é por meio do desenvolvimento da pesquisa empírica que os processos de ordem geral e as particularidades podem ser melhor contextualizados e entendidos.

Corpo, envelhecimento e felicidade é uma leitura inteiramente recomendável para todos os estudantes e pesquisadores voltados para a área de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, que desejam conhecer diferentes abordagens nos estudos sobre as temáticas de envelhecimento, gênero, sexualidade, consumo, direitos humanos, marketing, morte e, claro, a sociologia do corpo.

Referências

ALVES, Andréa Moraes. **A Dama e o Cavaleiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. São Paulo: Ed. da FGV, 2004.

Recebido em 01/10/2012

Aprovado em 04/03/2013